



I Congresso Nacional de Linguagens e Representações: *Linguagens e Leituras*
III Encontro Nacional da Cátedra UNESCO de Leitura
VII Encontro Local do PROLER
UESC - ILHÉUS - BA/ 14 A 17 DE OUTUBRO 2009

DESCONSTRUINDO A LINGUÍSTICA ESTRUTURALISTA: O CASTELO DE SAUSSURE SITIADO PELO PENSAMENTO DE DERRIDA

Luciano Rodrigues Lima

Professor da Universidade do Estado da Bahia
Professor da Universidade Federal da Bahia

O pensamento de Derrida se fundamenta em algumas linhas de ataque ao que ele próprio denomina de “metafísica ocidental”. A metafísica é um modo de pensar o mundo e, ao mesmo tempo, de utilizar a linguagem para expressá-lo e, ainda, para ocultar as contradições desse sistema de ideias.

Para se acompanhar o pensamento de Derrida, que retoma as posições questionadoras de Nietzsche (em relação ao conceito de verdade única e das certezas inabaláveis construídas pelo logocentrismo, através de um sistema de oposições binárias hierarquizadas e reforçadas secularmente, onde um dos termos é valorizado e o outro degradado, como causa-efeito, presença-ausência, centro-periferia, positivo-negativo, essência-aparência, natureza-cultura, fala-escrita, etc) é preciso se adotar a sua estratégia de leitura, a qual usa as próprias palavras contraditórias do discurso logocêntrico para desconstruí-lo. O próprio termo desconstrução é um neologismo criado por Derrida para significar, diferentemente da palavra destruição, a desmontagem de um sistema, de modo a se poder reaproveitar as suas peças, sob uma nova ordem construtiva.

Derrida introduz o seu conceito de **diferença** para abalar e substituir as oposições binárias do sistema logocêntrico. A diferença é um ponto não fixo que pode estar em qualquer lugar da escala imposta pelas oposições binárias hierarquizadas. A diferença é, na verdade, um arquiconceito, pois nele estão contidos outros conceitos que compõem a noção de desconstrução como o descentramento (o centro podendo estar em qualquer lugar, sem precedência sobre a periferia, que deixaria assim de existir), o fármaco (a idéia da variação infinita da dose, que pode matar ou curar), a escritura (como o outro, o complemento da fala, e não o seu oposto), o suplemento (enquanto possibilidade da escrita de proliferação de significados não previstos pelo autor, isto é, a valorização da ausência), o jogo (como possibilidade incontrolável e imprevisível da linguagem de criar significados, enquanto sistema aberto), de rastro (como arquiorigem, ou origem da origem, capaz de abalar a ideia de precedência do original sobre a cópia, do texto original sobre a tradução, etc).

Derrida apresenta o seu pensamento como uma anti-filosofia, que não reafirma a episteme, mas a questiona. Não sendo uma filosofia, não pretendendo atingir o valor de uma verdade inquestionável, seu discurso se coloca na sombra, no vazio da filosofia, no espaço das categorias negativas, como um discurso crítico. Se assim não fosse, seu pensamento já nasceria sob a égide da contradição. Ele não propõe um sistema substituto para todos os sistemas de pensamento criados pela metafísica ocidental, através da filosofia, mas ensina apenas um modo crítico de abordar esse pensamento e reconhece que será tarefa de outros construir um novo conhecimento e uma nova epistemologia, baseados no conceito de diferença, portanto mais tolerante e incluyente e menos autoritário. O próprio Derrida, em uma entrevista a Julia Kristeva, que se encontra em *Posições*, diz: “..E supondo, o que eu não creio, que pudéssemos algum dia *simplesmente* fugir da metafísica, o conceito de signo terá assinalado, nesse sentido, um freio e, ao mesmo tempo, um progresso.” (Derrida, 2001).

Derrida combate as noções de formalismo radical (objetivismo ingênuo), de um lado, e de transcendentalismo (essencialismo escapista), do outro, propondo sempre a fusão dos extremos na ordem da diferença, em oposições clássicas como: forma e conteúdo, fala e escrita, causa e efeito, corpo e espírito, etc. Seu pensamento incorpora elementos de um certo monismo ao estilo de Espinosa, ou, se se retroagir mais no tempo, aos filósofos pré-socráticos como Demócrito (explicitado por Lucrécio, em *De rerum natura*), antes da cisão corpo-espírito, essência-aparência. Ao colocar todas as coisas em uma só dimensão, ou categoria, a das coisas em si, o pensamento derridiano rejeita o conhecimento *a priori*, como em Kant, valorizando o conceito de *jogo*, que opera com a linguagem e as coisas mundanas, e se relaciona com o “devir louco”, de Deleuze.

Como foi dito aqui, Derrida se apresenta como filólogo e nunca como filósofo. Sua teoria se baseia grandemente em elementos linguístico-discursivos (tomando-se aqui o conceito de discurso totalizador de Barthes, por exemplo), pois em todos os seus escritos está implícita a ideia de que o sujeito é uma construção discursiva, histórica, instável, provisória, contra a ideia do sujeito transcendental, estável, ontológico, *a priori*. Para esta formulação, Derrida certamente se vale de conceitos interligados de sujeito e linguagem de Lacan e dos estudos de Foucault sobre o discurso.

Na estratégia de leitura da desconstrução, toma-se, geralmente, como método a arqueologia dos saberes e a genealogia das palavras, emprestadas de Foucault e Nietzsche. Todas as acepções de palavras-chave usadas pelos filósofos da linhagem platônica (Descartes, Kant, um certo Hegel, Husserl e outros) são questionadas inicialmente e, assim, abre-se espaço, com as próprias palavras desses filósofos, para a desconstrução dos seus respectivos sistemas de ideias.

Diante da complexidade do pensamento de Derrida e das implicações e riscos que esse pensamento impunha à filosofia, à ciência e às religiões, as reações a sua teoria vieram de diversas áreas. A desconstrução foi confundida, inicialmente, com niilismo e perspectivismo inconsequentes. Isto fez com que Derrida produzisse um discurso de justificativa e de explicações, reafirmando o seu compromisso com a questão ética e com a tolerância ao pensamento religioso, enfim, com um certo humanismo, embora diferente do humanismo cristão ou do humanismo marxista. Um exemplo disso são os seus profícuos diálogos com filósofos como Habermas (com sua filosofia racionalista, ética e moral, ligada às raízes marxistas) e Emmanuel Lévinas (pensador de uma filosofia profundamente humanista, baseada na ética e na responsabilidade), declarados em uma entrevista ao programa Globo News Painel, quando da sua visita ao Rio de Janeiro, a alguns meses de sua morte, e suas críticas às posições de Heidegger, enquanto ser político ligado ao nazismo, embora sempre o tivesse respeitado enquanto pensador

de uma fenomenologia superior à dos seus antecessores, tendo retirado dele o conceito de *Duplicidade*, que veio a ser desenvolvido no desconstrutivismo como o conceito-chave de **diferença**.

Nos últimos anos de sua vida, Derrida se dedicou a uma certa militância, sempre em favor de causas políticas libertárias e contra a instalação do estado de violência, do autoritarismo ou da barbárie.

Os riscos naturais da desconstrução

Embora o pensamento de Derrida tenha sido concebido de forma a tornar-se imune a críticas, por ser ele próprio um pensamento crítico, temo que a ideia de **diferença**, se aplicada às culturas mais tradicionais e conservadoras (a cultura islâmica, a cultura cristã puritana, a cultura tradicional indiana concebida através das castas sociais e todas as culturas marcadas pelo fundamentalismo religioso, por exemplo), as aniquilaria, pois essas culturas se baseiam na hierarquia fixa, na precedência e dominação-subordinação de elementos fixados nas noções de gênero, raça e etnia, casta, *status* social ou cultura.

A contradição primordial da desconstrução é que, abolindo-se aquilo que ela critica, viveríamos a era de uma arquicultura, uma cultura única, baseada no conceito de diferença. E, assim, contrariando a noção de que o dado cultural se opõe à natureza, Derrida defende, no último capítulo de *A escritura e a diferença* (justamente em um trabalho intitulado “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, com base nas pesquisas antropológicas de Lévi-Strauss, que ele também critica pelo autoritarismo estruturalista no prefácio de *A farmácia de Platão*) que a cultura e a natureza se correspondem (a prova estaria no resultado das pesquisas de Lévi-Strauss que demonstram ser o incesto condenado em todas as culturas observadas). A desconstrução, então, quando aplicada às culturas tradicionais, colocaria em oposição e em choque o natural e o cultural. A desconstrução se apresentaria como o artifício, negando e contrapondo-se ao natural.

Se a desconstrução foi testada e aprovada por uma cultura acadêmica, acostumada às discussões críticas da Sorbonne, a qual já fora apresentada historicamente (ainda que não sistematicamente) ao conceito de *diferença*, e possui o hábito de debater e escutar o contraditório, isto não significa que ela possa funcionar, por exemplo, em uma comunidade pautada por uma cultura tribal. Assim, talvez, a única possibilidade de coerência da desconstrução seja manter-se sempre como não-hegemônica, como uma possibilidade de leitura crítica, como um discurso de uma nova e não-dogmática esquerda.

Derrida e a linguística pós-estruturalista

Em 1966, em uma conferência na Universidade Johns Hopkins para se discutir o estruturalismo e suas ligações, em que estavam presentes nomes como Jean Hypolite, Jacques Lacan, Roland Barthes e Paul De Man, Derrida apresentou um trabalho intitulado “A estrutura, o signo e o jogo no discurso das ciências humanas”, posteriormente incluído como um capítulo de *A escritura e a diferença*. Alguns conceitos-chave de seu pensamento, como o de jogo, desenvolvido na *Gramatologia*, já se encontravam naquele trabalho. Em pronunciamento, Derrida disse que muitos dos que ali estavam para discutir o estruturalismo já estavam, na verdade, praticando o pós-estruturalismo.

Embora não se possa (ou deva) datar o surgimento do pensamento pós-estruturalista, a conferência em questão é uma referência histórica para a queda da hegemonia do pensamento estruturalista, nos diversos saberes, a exemplo da filosofia, lógica, psicanálise, psicologia, crítica literária e, de maior interesse para este breve artigo, da linguística.

O interesse de Derrida pela linguagem (apresentando-se sempre como filólogo, e não como filósofo, vale aqui repetir) é compreensível, uma vez que a teoria desconstrutivista se afirma através da desconstrução discursiva da metafísica ocidental. É capturando a inconsistência, a imprecisão e a distorção das palavras e dos conceitos contidos no discurso da *episteme* metafísica que Derrida a questiona profundamente. Ainda como parte da sua estratégia de desmonte da catedral metafísica, Derrida constrói o seu próprio discurso a partir de uma linguagem altamente lírico-dramática, isto é, utilizando-se, ao mesmo tempo, de prerrogativas do signo poético, em sua significância aberta e irrestrita, fazendo com que a palavra soe como nova, deslocando-a de seu uso corriqueiro e indolente do discurso metafísico, através do levantamento de uma etimologia e uma arqueologia dos signos linguísticos, e de características do texto dramático, empregando uma terminologia que implica em ação e tensão.

Dramaticidade na linguagem de Jacques Derrida

Estas observações, resumidas em alguns parágrafos, não se constituem em uma tese sobre a linguagem do teórico e filólogo, mas uma análise por amostragem, com base na minha experiência em análise do texto literário, do qual o texto de Derrida não se distingue essencialmente, não se constituindo, pois, em seu oposto, mas na sua diferença, clamando, assim, pela inexistência de uma oposição diametral entre discurso científico e discurso literário.

Para exemplificar o que se anuncia, tome-se como exemplo qualquer parte da *Gramatologia*, um dos textos mais técnicos de Derrida, pois se constitui em um diálogo e uma pesquisa a respeito da linguística e da semiologia, dentro das normas científicas de citações, etc. Abertas aleatoriamente as páginas 42 e 43 da *Gramatologia*, lá estão as seguintes palavras e expressões, pela ordem de aparição, distribuídas ao longo do texto das duas páginas citadas: pérfida, ameazá-lo, acidentes, contaminação, ameaça, denunciados, abrir o processo, heresia, denunciava, intrusão, artificiosa, violência, irrupção, enfurecida, veemente, nódoa, pecado, paixão, acusa, inversão, contestou-se, perversão, desarranjo, corrupção, disfarce, máscara de festa, exorcizada, conjurada, estranha, prisioneiro, absoluta, pervertido, pecado original, descuido, culpado, inocência, cedeu-se, contrariado, desviado.

As palavras citadas aqui, sem o seu contexto, não significam muito, em relação ao discurso como um todo, mas são reveladoras de um estilo, de uma estratégia discursiva, que tensiona sua posição contra a metafísica. Essas palavras remetem à ação, ao *pathos* dramático encenando, metaforizando e produzindo a máxima visualização dessa diferença qualitativa entre a desconstrução e a metafísica. É um pensamento-ação, como uma revolução armada, uma guerra. Ao mesmo tempo, muitas dessas palavras são sugestivas de estados de espírito, de ligações semânticas com a cultura, a história, a filosofia, a ciência e a lírica ocidental. As remissões são, neste caso, imediatas. Mas, ao mesmo tempo, essas palavras rejeitam essas associações fáceis com o *rastró* cronológico da metafísica logocêntrica, re-significando-as. Assim, o emprego da palavra polissêmica, dramática, em todas as suas implicações semânticas está próximo do seu uso no discurso lírico-poético. Derrida, assim como Foucault, entende que o sujeito é uma construção discursiva, e ele próprio se constrói em um discurso crítico, poético-

científico, em consonância com o próprio princípio incluyente da *diferença*, conceito em torno do qual se articula todo o seu pensamento.

Desconstrutivismo e Linguística pós-estruturalista

O pós-estruturalismo linguístico é um termo vago, usado para designar diversas correntes da linguística contemporânea, isto é, desde aquelas que evoluíram a partir de crenças ou sistemas estruturalistas, como a linguística funcional, de Dick, Halliday, e outros, até as que se opõem aos princípios da linguística estrutural (e sua noção de língua como um sistema fechado, psicológico, homogêneo e excludente, sob o controle do falante, o qual possuiria a chave para a geração de significados, através da gramática interna, coesão, *langue*, *competência*, etc), como a teoria dos atos de fala, da pragmática de J. Austin e J. Searle.

Às vezes, é necessário aspear o termo “linguística pós-estruturalista”, para que ele não seja tomado como um novo estruturalismo ou um estruturalismo substituto, principalmente tratando-se da perspectiva desconstrutivista sobre a linguística, a qual nos interessa especialmente neste trabalho. Derrida nunca propôs um sistema capaz de substituir o de Saussure, por exemplo. Se o tivesse feito, teria incorrido em uma contradição insustentável. O pensamento desconstrutivista é, em si, um anti-sistema, ou o espectro dos sistemas, a sua negação. Trata-se de uma crítica aos sistemas em geral, por estarem eles impregnados pelo pensamento logocêntrico da ciência. Esta crítica abrange as ciências humanas e vai mesmo além, complementando-se e integrando-se, por exemplo, nas ciências “exatas”, com o pensamento quântico, baseado na noção de probabilidade e de incerteza.

Sobre a gramatologia

A *Gramatologia*, de Derrida, é uma obra sobre a necessidade e a impossibilidade de existência de uma gramatologia, no âmbito das ciências positivas, sob a égide do pensamento metafísico. Mesmo reconhecendo essa impossibilidade, Derrida fala de sua importância, pois seria ela o espaço da crítica à linguística e à semiologia, enquanto ciências. Como essas “ciências” são acríicas, a exemplo da semiologia e da linguística de Saussure, as quais se confundem com os pressupostos básicos do estruturalismo e, por detrás, do pensamento metafísico, a gramatologia de Derrida, concebida sob a noção da *diferença*, será desterrada para o território das sombras, aquela mesma periferia para onde Saussure desterra a escrita (que Derrida chama de *escritura*), como um discurso indesejável. Isto não impede que a obra surja e aponte as limitações, a parcialidade, o fonocentrismo e o logocentrismo dos fundamentos da linguística estruturalista, e a incoerência conceitual do signo binário de Saussure.

Ao mesmo tempo, a obra estabelece um diálogo crítico, mas respeitoso, com o pensamento de linguistas como Saussure, Martinet, Jakobson, Hjelmslev, e com filósofos e pensadores como Platão, Aristóteles, Descartes, Rousseau, Hegel, Leibniz, E. Husserl, Lévi-Strauss e Warburton.

Linguística e gramatologia

O tema da linguagem encontra-se referido, direta ou indiretamente, em todos os escritos de Derrida. Alguns textos do autor, porém, referem-se mais diretamente à linguística, à semiologia, ou seja, às “ciências da linguagem”, ciências positivas, ou positivistas, para Derrida, sempre disseminando uma visão crítica sobre os postulados

metafísicos. Essa “ciências” elegem como objeto de estudo um recorte do que ele denomina de *presença*, termo relacionado com o conceito amplo de *metafísica da presença*, uma das características do pensamento ocidental, principalmente o científico e o filosófico.

No capítulo “Linguística e Gramatologia”, estabelece-se uma discussão sobre os princípios da linguística e da semiologia de Saussure. Inicialmente, Derrida questiona a abrangência da linguística de Saussure, que adota a língua falada como o seu objeto de estudo, desprezando a escrita. A língua escrita, denominada por Derrida de *escritura*, desterrada por Saussure do seu sistema, será o campo de batalha desse capítulo da *Gramatologia*.

Para se entender o ponto zenital da argumentação de Derrida, é preciso retornar à metafísica de Platão, no *Fedro*, para quem a verdadeira língua do filósofo era a falada, por se constituir em uma presença afirmativa, estando sempre presente aquele que fala para defender-se de distorções e de interpretações errôneas do seu discurso, reafirmando-o sempre. A língua escrita, para Platão, seria perigosa por diversos aspectos, pois igualava os sábios e os medíocres, uma vez que, através do texto escrito, qualquer um poderia ler e fingir que sabe, impunemente, igualando o sábio verdadeiro e o sofista. Outro aspecto da língua escrita detratado por Platão é o fato de ter ela o poder de gerar interpretações, leituras divergentes, falseando a “verdade” do autor. Para Platão, a língua escrita era um simulacro da língua falada. O que para Platão era um mal, para Derrida se constitui em um bem.

O simulacro, no platonismo um dado encontrado no mundo das aparências, degredado do mundo das essências, vem sendo progressivamente reabilitado pelo pensamento pós-estruturalista, sob diversas perspectivas, por teóricos como Deleuze, Baudrillard, Severo Sardui, Barthes, De Man, Foucault, Guattari e outros. Não se trata, na verdade, da valorização do simulacro, mas da sua revalorização, pois os filósofos pré-socráticos atomistas como Demócrito, Zenon e Leucipo e, posteriormente, Epicuro, já baseavam suas observações no mundo físico. O atomismo chegou até nós através do poema *De rerum natura*, do latino Lucrecio.

Derrida busca reabilitar o conceito de escritura, até hoje impregnado da condição degradante que lhe impôs Platão (pois a escritura inscreve-se na ordem maldita dos simulacros). Constituindo-se como uma *ausência*, estando fora da presença fonocêntrica de Saussure, justamente por ser um componente da linguagem humana impossível de descrever cabalmente, imprestável para categorizações e decomposições, a exemplo do discurso poético. A escritura não seria necessariamente, como o senso comum conclui apressadamente, posterior à fala. Então Derrida questiona os conceitos clássicos de origem, anterioridade e originalidade, baseando-se no pensamento nietzschiano sobre a inversão do binômio causa-efeito.

Na *Gramatologia*, a relação significado-significante é vista como um jogo, no qual “...não há significado que escape, mais cedo ou mais tarde, ao jogo das remessas significantes, que constitui a linguagem” e conclui: “O advento da escritura é o advento do jogo.” (Derrida, 1973, p.8). Ressalta-se a autonomia da escritura em relação ao conhecimento (que Derrida chama de *episteme*, o equivalente aproximado de ciência + filofofia): “Antes de ser seu objeto, a escritura é a condição da *episteme*.” (p. 34). Derrida atribui a Aristóteles, Rousseau e Hegel a caracterização da escritura como “derivada, inesperada, particular, exterior, duplicando o significante: fonética. Signo do signo.” (p. 36).

No tópico “O fora e o dentro”, Derrida demonstra que Saussure define a escritura como o fora, a representação exterior da linguagem e do “pensamento-som”. A escritura operaria a partir de unidades de significação já constituídas e em cuja

formação não tomou parte. (p.38). Ao definir a escritura como exterior, o fora da linguística estruturalista, Saussure estaria reforçando as oposições do tipo interno-externo, realidade-imagem, presença-representação, que fundamentam uma ciência que, segundo Derrida, não mais consegue responder ao conceito de episteme. Em uma passagem do seu *Curso de Lingüística Geral*, Saussure qualifica a escritura como “uma ferramenta imperfeita, perigosa, quase maléfica”, considera-a como vestimenta da fala e trata-a como “travestimenta” da fala, e diz que ela “vela a visão da língua”. Tais conceituações levam à suspeita de que Saussure identifica a escritura com o corpo, mil vezes maldito no pensamento metafísico desde o platonismo. Saussure busca a natureza original da língua na relação pensamento-som e vê a relação fala-escrita como uma segunda natureza má. Ele ataca ainda a língua literária: “A língua literária aumenta ainda mais a importância imerecida da escritura”. Diz ainda que os primeiros linguistas perdiam-se quando saíam do universo das letras para o do sons e que os linguistas modernos encontram a verdade ao desvencilharem-se da letra. (Saussure, 1986).

Para Derrida, através do *jogo* da representação, a escritura usurpa o papel principal da fala, ou, no mínimo, influi nela. Instaura-se, então, uma origem que não é mais simples, mas complexa, pois não se sabe quem veio primeiro, nos primórdios da humanidade, se a fala ou a escrita, se o grito, o vagido (como defende Rousseau no *Ensaio sobre a origem das línguas*) ou os pictogramas nas paredes das cavernas. Essa origem perde-se no tempo, funde-se em uma *arqui-origem*, que é a própria escritura. Saussure coloca a semiologia e, por conseguinte a linguística, sob a autoridade da psicologia: “Cabe à psicologia determinar o lugar exato da semiologia” (Saussure, 1986). Assim, pode-se fazer algumas conexões entre o psicologismo da linguística de Saussure e de outros sistemas estruturalistas, a exemplo do gerativismo de Chomsky, (conexões que não são feitas por Derrida na *Gramatologia*) que viam na psicologia “a causa da língua”.

A escritura, no pensamento de Derrida, é associada à ausência, ao vazio, ao silêncio, à crise e à negatividade. Tais elementos são valorizados enquanto categorias negativas, fundamentais no conceito de jogo, pois é o espaço a ser ocupado pelo suplemento, pelo devir, pelo imprevisível, pelo novo, que tornam interessante o jogo dos significados.

Às vezes as críticas a Saussure são insinuações, como a citação da definição de fala enquanto “língua viva”. Se a fala é a língua viva, seria então a escritura a língua morta? E se está morta, por que temê-la?

Conquanto o livro de Derrida seja uma crítica implacável aos fundamentos do estruturalismo, ele não se furta a citar alguns vislumbres do pensamento crítico do próprio Saussure, no *Curso de Lingüística Geral*. São passagens como aquela em que o próprio Saussure admite que a escritura é um processo de figuração ao qual cumpre-se “reconhecer a utilidade, os defeitos e inconvenientes”, ou quando Saussure diz não haver um liame entre o significado e o significante (a arbitrariedade do signo linguístico), ou ainda quando fala da impossibilidade de uma escrita fonética internacional, ou reconhecer que a escritura não reproduz bem a fala, por não possuir sinais de entonação.

Derrida usa ainda a estratégia da desconstrução para lançar Saussure contra Saussure, isto é, apontando-lhe as contradições. Quando este, por exemplo, admite e lamenta que a escrita interfere também na pronúncia das palavras, ou quando ele distingue a “imagem acústica” do signo do “som objetivo”, isto é, que a imagem acústica está ainda no pensamento. No primeiro caso, isto significa que a escritura é autônoma e modifica a fala e, no segundo, que a oposição significado-significante não se sustenta, pois o conceito de signo de Saussure coloca ambos na mesma esfera, ou

seja, no pensamento. Mesmo a manifestação audível do signo não seria do mundo físico, mas ainda um fenômeno “compreendido” e não apenas percebido pelos ouvidos. Essa necessidade do “entendimento” do signo escutado o coloca em uma dimensão sempre abstrata, ideal, não havendo, portanto, a oposição diametral significado-significante, como não se opõem, do mesmo modo, fala e escritura.

Como parte das operações desconstrutivistas, novos termos vão sendo cunhados para conceitos convergentes. No pensamento de Derrida, a significação dos termos se constitui em uma conjunção, isto é, todos os termos-chave e conceitos convergem para o arqui-conceito de *diferença*. Assim, o conceito de *rastro*, como outros em Derrida, não é dado, aprioristicamente, mas construído na relação com outros conceitos, no texto e no contexto.

Inicialmente, o conceito de *rastro* torna-se necessário para melhor esclarecer o conceito de escritura. Começam, então, a surgir referências ao *rastro*: “O *rastro* é onde se imprime a relação do outro.”; “É preciso pensar o *rastro* antes do ente.” (ente no sentido heideggeriano). O *rastro* (no tempo e no espaço) apontaria para a inexistência da oposição significado-significante e para a existência de uma diferença. É como a diferença entre o mundo e o vivido, o ente e o ser, isto é, não são a mesma coisa, mas não são opostos também: são diferentes. “O *rastro* é verdadeiramente a origem absoluta do sentido em geral.”; “O *rastro* é a diferença... e nenhum conceito da metafísica pode descrevê-lo.” O *rastro* é o desaparecimento da origem, ou a origem da origem. No conceito clássico de *rastro*, este deriva de uma origem. Derrida propõe, então, o arqui-*rastro*. Talvez possa parecer contraditório, no plano da linguagem, mas os conceitos de Derrida (aparentemente) soam também como reduções, não exatamente iguais às da fenomenologia de Husserl, que são excludentes e simplificadas, mas como reduções que remetem sempre à **diferença**, um termo que torna a se abrir, desdobrar-se em duplos como *suplemento*, *vir-a-ser*, *jogo*, *rastro*, *escritura*, etc.

Derrida retoma o conceito de *diferencia*, como a condição ou o princípio que faz funcionar a *diferença*, como tudo aquilo que antecede a presença, já apresentado e discutido em *A escritura e a diferença*. O conceito de *diferência* reaparece para ser equiparado ao *rastro puro*, no recorrente processo de confluência conceitual de Derrida. Como não existe uma ciência da não-origem, a linguística descreve apenas as diferenças aparentes (a presença) e nunca o *rastro* originário. Quanto ao conceito de *rastro puro*, este parece estar deslocado do próprio pensamento de Derrida, perigosamente deslocado, pois a ideia de *pureza* contesta a noção fundamental de *diferença*, o que faria trepidar todo o pensamento crítico desconstrutivista. Assim, parece, ao cunhar o termo *rastro puro* Derrida se desconstrói, traído pelo próprio suplemento da linguagem escrita que ele tão bem descreve.

Para uma compreensão mais integral do conceito de *rastro*, é preciso entender a noção de temporalidade no pensamento de Derrida. Para este, a cronologia clássica passado-presente-futuro funde-se em um único tempo, o agora, que é também um aqui-e-agora. A cronologia do *rastro*, em Derrida é, portanto, a cronologia da simultaneidade.

Derrida comenta os *Princípios de Gramática Geral*, de Hjelmslev, para quem a língua é uma forma, e não uma substância; os glossemas seriam, por definição, independentes da substância, imateriais (os aspectos semânticos, psicológicos e lógicos) e, ao mesmo tempo, materiais (aspectos fônicos, gráficos, etc). Derrida cita os *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*, de Hjelmslev, onde este rejeita a ideia simplista de que a escrita deriva diretamente da fala, pois, na pré-história, não se sabe o que veio primeiro, se a escrita ou se a fala e, então, lança Hjelmslev contra Saussure. Derrida reforça ainda a noção defendida pela Escola de Copenhague, de que a pureza

da forma é desligada de qualquer liame natural a uma substância, o que implica em uma arbitrariedade quase absoluta do signo (a não ser pelos vocábulos onomatopaicos), e a ideia de que a fala e a escrita são representações ou tentativas de representação da substância, mas com autonomia para ambas. E seriam exemplos práticos disto: 1 – Nenhum sinal gráfico representa a entonação; 2 – Na fala, nenhum fonema indica o espaço entre as palavras, que existe na escrita; 3 – Na literatura, existem significados do texto escrito que não se reportam às palavras pronunciadas pela voz. Pode-se citar aqui os efeitos visuais da poesia concreta, do poema-processo, dos *picture-poems* na *Internet*, etc.

Mas Derrida ultrapassa o formalismo de Hjelmslev ao propor a união entre forma e substância. Critica, ainda, o conceito de experiência de Hjelmslev, por considerá-lo exterior à linguística, “empirista”, ingênuo, parcial, regional (histórico, psicológico, sociológico, fisiológico, etc). O conceito de experiência externa (prática), em Derrida, contém, integra, funde-se ao conceito de experiência interna (teoria), como uma noção conjunta de uma teoria-prática. Derrida aponta aí, quando Hjelmslev separa a prática (experiência externa) da teoria (experiência interna), vestígios de uma transcendência, mas reconhece que é preciso admitir uma certa transcendência (pois, sabe-se, há um certo grau de transcendência em tudo), contanto que se faça a crítica ao transcendentalismo. Ainda que menos transcendental e logocêntrico que o de Saussure, o sistema linguístico de Hjelmslev é criticado por possuir uma obsessão pela imanência, o que chega a se constituir em um “formalismo ingênuo”.

Algumas (in)conclusões

Na parte final do capítulo “Linguística e Gramatologia”, Derrida introduz o conceito de *brisura*, significando a união de ruptura+juntura, isto é, aquilo que está ao mesmo tempo junto e separado. Ele define *brisura* como a impossibilidade de unidade significado-significante e de uma presença absoluta. Ao dizer isso ele está admitindo a existência de um nível qualquer de transcendência em toda imanência, o que não chega a ser uma contradição para o pensamento desconstrutivista, mas é um problema, uma concessão incômoda. Talvez a solução desse impasse seja uma saída um tanto dialética, de que a imanência seria a diferença da transcendência.

No final do capítulo, Derrida alça seu voo teórico ao plano do conceito de Deus (com letra maiúscula mesmo) e afirma: “O nome de Deus tal como se pronuncia nos racionalismos clássicos é o nome da própria indiferença. As teologias infinitas são sempre logocentrismos, quer sejam ou não criacionismos” (Derrida, 1973, p. 87-8).

O termo logocentrismo, aí, refere-se a pensamento não crítico. Quanto à ideia de Deus como ser infinito, esta seria a ideia-mãe de todo o pensamento metafísico-transcendental, isto é, de que em algum lugar as coisas existem previamente, ontologicamente, aprioristicamente, em uma dimensão “fácil, extremamente fácil”, quase fora do alcance de qualquer julgamento ético, sem necessitar do eterno e doloroso processo de construção-auto-construção-desconstrução-reconstrução de tudo que é humano.

Por último, Derrida critica a linearidade do sistema de significantes de Saussure, principalmente no *Curso de Linguística Geral*, pois nos *Anagramas* Saussure coloca a questão da continuidade em aberto. O termo linearista, aqui, refere-se ao tempo e à história, a uma cronologia linear.

Para a linguística estruturalista, o significante é pensado na presença de uma consciência. Derrida busca desconstruir a noção de signo com duas faces e propõe o significado em posição de significante e o significante em posição de significado. Isto

seria para fugir à inocência da metafísica do *logos* da presença e “...da consciência que reflete a escritura como sua morte.” (Derrida, 1973, p. 90).

Quanto à gramatologia, sempre identificada com a escritura, mas sendo esta última mais geral e a primeira mais específica, todo o livro *Gramatologia* trata de sua intransigente defesa, pois ela representaria o enfraquecimento do poder do *logos* na linguística e a introdução do pensamento crítico operando no interior dos sistemas propostos pela linguística e pela semiologia.

Mais alguma crítica a Derrida, na *Gramatologia*

Conquanto a *Gramatologia* seja um trabalho de grande acuidade crítica, as páginas 294 e 295, ao comentar uma passagem de Rousseau, em que este afirma ser a linguagem animal incapaz de modificações, acréscimos, evolução e adaptação, sendo uma condição de nascença e nunca aprendida, Derrida soma-se às posições de Rousseau e, de modo acrítico, interpreta a condição animal como “uma vida sem diferença e sem articulação.” (Derrida, 1973, p. 295) Quando Derrida escreveu tal comentário, não existiam pesquisas científicas importantes sobre a linguagem animal, que evoluíram consideravelmente, nos últimos anos. Hoje, sabe-se que alguns animais possuem uma complexa linguagem, através de sons articulados, sinais e gestos, além de serem capazes de adaptar a linguagem às circunstâncias e de criarem novos signos linguísticos. Além disso, sabe-se hoje que, em algumas espécies, a cultura é ensinada e aprendida. Talvez, a ênfase do pensamento derridiano na linguagem como o caminho da construção da subjetividade humana o tenha induzido a colocar os animais na categoria de seres não-linguísticos e, portanto, não-culturais.

Referências

DERRIDA, Jacques. **A escritura e a diferença**. São Paulo: Perspectiva, 1971.

_____. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

_____. **Posições**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

Entrevista com Jacques Derrida. Programa **Milênio**. Canal Globo News. Exibido em 27 de setembro de 2005.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1986.